

# MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios



Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal

Setúbal, 2004

1



# **MUSA**

**museus, arqueologia & outros patrimónios**

**Volume 1  
Setúbal 2004**

**FIDS & MAEDS  
Autarquias do Distrito de Setúbal**

# Ficha Técnica

## *Edição*

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS) e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)

## *Direcção*

Victor Borrego (Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal)

## *Coordenação Editorial*

Joaquina Soares

## *Conselho Científico*

António Nabais  
Carlos Tavares da Silva  
João Luís Cardoso  
Mário Canova Moutinho  
Mário Varela Gomes  
Victor S. Gonçalves  
Vitor Serrão

## *Conselho Redactorial*

Antónia Coelho-Soares  
Fátima Contramestre de Almeida  
Fernanda do Vale  
Germesindo Silva  
João Carlos Faria  
Luís Ferreira  
Maria Graça da Silveira Filipe  
Maria Rosa Peralta Sousa Silva  
Maria Teresa Rosendo  
Miguel Correia  
Teresa Rosa Gomes da Cruz Silva

## *Secretariado e correspondência*



Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal  
Av. Luisa Todi, 162; 2900-451 Setúbal (Portugal)  
Telefs - (351) 265239365/265534029; Fax - (351) 265527678  
Email - maeds@mail.telepac.pt

## *Capa*

Fotografia inédita, de autor desconhecido, propriedade do MAEDS.  
Cais da Torre do Outão, com hiato de Setúbal, 1908.

## *Execução gráfica*

Ana Paula Covas  
António Caetano de Campos Ramos  
Jan van Krimpen

## *Impressão e acabamento*

Impripal Artes Gráficas, Lda. - [www.imprupal.com](http://www.imprupal.com)

## *Depósito Legal n.º*

221991/05

## *ISSN*

1646-0553

## *Tiragem*

1400 exemplares

## Nota de Abertura

É com inegável prazer que anuncio a publicação da revista *MUSA*, em atenção ao seu valor intrínseco, enquanto repositório de importantes artigos, originais, sobre o património cultural do Distrito de Setúbal, aqui abordado na dupla vertente da investigação e da divulgação.

Igualmente importante é o valor simbólico da *MUSA*, uma vez que revela a capacidade do Poder Autárquico da região em encontrar consensos e pontes de diálogo, ao serviço da cooperação supramunicipal.

De facto, é crescente a consciencialização colectiva sobre a necessidade de reforçar a acção intermunicipal nos domínios da cultura, do ambiente, da educação, da saúde, do turismo. Precisamente nesta lógica, se enquadra o papel da Assembleia Distrital de Setúbal e nesse âmbito a edição da presente publicação.

A revista *MUSA* é, em grande parte, suportada pelo funcionamento do Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal, o qual configura a primeira rede de museus de carácter regional a surgir no país e cujo exemplo espero que frutifique.

A presente publicação constitui um desafio ousado, pelo esforço e dedicação que pressupõe e congregou o entusiasmo de muitos especialistas nas questões da cultura e do património, que em boa hora elegeram o Distrito de Setúbal como campo de estudo; para eles vão as minhas saudações e agradecimento.

Desejo, igualmente, agradecer os apoios que alguns parceiros institucionais e sócio-económicos disponibilizaram para esta iniciativa e, finalmente, fazer votos para que a *MUSA* vá ao encontro dos interesses da Comunidade Distrital e a possa também inspirar.

**O Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal**

**Victor Borrego**

# Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal – FIDS

## *Integrado por:*

- + Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal
- + Museu Municipal de Alcácer do Sal/Câmara Municipal de Alcácer do Sal
- + Museu Municipal de Alcochete/Câmara Municipal de Alcochete
- + Museus Municipais de Almada/Câmara Municipal de Almada
- + Serviços Culturais/Câmara Municipal do Barreiro
- + Serviços Culturais/Câmara Municipal de Grândola
- + Departamento de Acção Sociocultural/Câmara Municipal da Moita
- + Museu Municipal de Montijo/Câmara Municipal de Montijo
- + Museu Municipal de Palmela/Câmara Municipal de Palmela
- + Museu Municipal de Santiago do Cacém/Câmara Municipal de Santiago do Cacém
- + Ecomuseu Municipal do Seixal/Câmara Municipal do Seixal
- + Museu Municipal de Sesimbra/Câmara Municipal de Sesimbra
- + Museus Municipais de Setúbal/Câmara Municipal de Setúbal
- + Museu Municipal de Sines/Câmara Municipal de Sines

## Patrocínios

Administração do Porto de Sines



Fundação para a Ciência e Tecnologia



Região de Turismo de Setúbal - Costa Azul



A revista *MUSA* surge, essencialmente, em resultado da dinâmica do Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal, plataforma de debate das questões do património, abordadas a partir dos museus. Sem regulamentos prévios, deixando que a realidade concreta se espelhe na acção e oriente o rumo do FIDS, constrói-se o percurso, caminhando. Não se procura a homogeneidade, antes se aposta na diversidade, na diferença, na crítica. As vozes críticas obrigam à reflexão, mas supõem também firmes princípios de cooperação e solidariedade. Com base nas muito diversas posturas sócio-ideológicas, foi possível avançar com o presente projecto editorial de forma inclusiva, com a participação de todos os concelhos do Distrito de Setúbal, e este é o aspecto que mais valorizamos, porque mostra a capacidade que a região possui para se associar em torno de projectos de interesse comum, e particularmente de vocação cultural.

Este volume possui, evidentemente, um carácter experimental; o próximo será provavelmente melhor estruturado. Tentou-se conciliar o inconciliável, ou talvez não, quando se assumiu a publicação de originais de carácter científico, resultantes de projectos de investigação, e de textos de divulgação, acessíveis a um grande público. O propósito de servir esse vasto público interessado nas áreas do património, museologia e arqueologia, na dupla perspectiva da divulgação e da produção de novos conhecimentos, confere à revista um interesse duradouro.

A *MUSA* encontra-se organizada em várias secções, fisicamente delimitadas no corpo da revista, para melhor orientação dos leitores; a sua temática centra-se nas diversas modalidades do património cultural (procurou-se, aliás, reunir textos reveladores dessa abrangência); mostra-se aberta à colaboração de especialistas nos domínios atrás referidos; a sua geografia, de partida ou de chegada, deverá ser o Distrito de Setúbal; a base autárquica em que a revista assenta não pode, no entanto, ser confundida com autarcia e o campo geográfico de incidência da revista deve ser entendido de forma flexível; textos teóricos, sem um suporte territorial determinado, terão o melhor acolhimento.

Parece-nos razoável apostar em uma periodicidade anual. Os prazos de entrega de textos e de revisão de provas terão de ser objecto de calendarização; as normas de publicação são disponibilizadas desde já, no final deste volume. Da periodicidade da revista resulta que a agenda cultural, conforme a tínhamos pensado no início deste processo, poderá não cumprir, integralmente, os seus objectivos de informação atempada; terá pois de sofrer apreciáveis melhoramentos, destinando-se sobretudo a anunciar realizações programadas com muita antecedência e/ou à produção de reflexões e opiniões sobre eventos culturais ocorridos ou não no Distrito.

**A Coordenadora Editorial**

**Joaquina Soares**

# Índice

<b>Museus</b>	9
Mário Canova Moutinho <i>Os Compromissos dos Museus com a Sociedade</i>	11
António Nabais <i>Museu-oficina de Artes Manuel Cargaleiro. Quinta da Fidalga (Seixal)</i>	15
João Carlos Faria <i>Alcácer do Sal: páginas de história, a história de um museu</i>	19
Elsa Afonso e Paula Costa <i>Museu Municipal de Alcochete. Um museu em desenvolvimento</i>	23
Ângela Luzia e Maria Rosa Silva <i>Almada - apontamentos para a história de uma cidade</i>	28
Germesindo Silva <i>Museu Mineiro do Lousal. Espaço de encontro e cultura</i>	40
Maria Teresa Rosendo <i>O Museu Municipal de Palmela apresenta-se</i>	44
Graça Filipe <i>Antecedentes da criação de um museu no concelho do Seixal. Das ideias e acções anteriores a 1974, à emergência de um projecto cultural e do museu municipal</i>	51
Luís Jorge Rodrigues Gonçalves <i>Museu Municipal de Sesimbra. Programa de desenvolvimento</i>	61
Antónia Coelho Soares <i>Um projecto museológico para Sines</i>	67
Joaquina Soares <i>Museu/Museus. Operacionalizar funções</i>	75



<b>Arqueologia</b>	81
Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares <i>Intervenção arqueológica no sítio neolítico de Brejo Redondo (Sines)</i>	83
Antónia Coelho Soares e Carlos Tavares da Silva <i>Novas oficinas de produção de preparados piscícolas na área urbana de Sines. Intervenção arqueológica na Rua Ramos da Costa</i>	111
Eurico Sepúlveda <i>Os Murrii. Oleiros tardo-italicos</i>	123
Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares e Susana Duarte <i>Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua António Maria Eusébio, 85-87</i>	137
<b>Outros Patrimónios</b>	153
T.M. Azevêdo, M. Abreu e A.M. Galopim de Carvalho <i>Uma vez mais a Pedra Furada</i>	155
Vitor Serrão <i>O mestre do retábulo da Igreja da Misericórdia de Almada (1590): O pintor Giraldo de Prado</i>	161
Vanessa de Almeida <i>Mausoléu de Alfredo da Silva</i>	176
Marisol Aires Ferreira <i>Património construído da aldeia de Melides</i>	181
Teresa Rosa Silva <i>Os recursos da Borda d'Água no contexto sócio-económico do Tejo</i>	186
Fátima Contramestre de Almeida <i>Contributo para um Guia do Arquivo Histórico Municipal de Montijo</i>	193
José Matias <i>Património molinológico do concelho de Santiago do Cacém</i>	200

<b>Recensões, Publicações e Informações</b>	213
Mário Varela Gomes <i>“Mais um escalpe no meu cinto”. A propósito de “Os Hipogeus Pré-Históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as Economias do Simbólico”, de Joaquina Soares</i>	215
Susana Duarte <i>Ler Arqueologia e Património na biblioteca do MAEDS. Títulos inventariados em 2003</i>	219
Câmara Municipal de Alcácer do Sal	229
Câmara Municipal de Alcochete	230
Câmara Municipal de Almada	231
Câmara Municipal do Barreiro	233
Câmara Municipal de Grândola	235
Câmara Municipal da Moita	237
Câmara Municipal de Montijo	239
Câmara Municipal de Palmela	241
Câmara Municipal de Santiago do Cacém	244
Câmara Municipal do Seixal	245
Câmara Municipal de Sesimbra	249
Câmara Municipal de Setúbal	251
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal	253

# Museu/Museus

## Operacionalizar funções

JOAQUINA SOARES\*

### RESUMO

Breve reflexão sobre a questão da redefinição do conceito de Museu em curso pelo ICOM<sup>1</sup>, referida aos museus concretos, que dão forma e conteúdo a um leque diversificado e cada vez mais amplo de funções museológicas, e em particular ao caso do MAEDS, directamente participado pela autora.

### MUSEU

Definir o museu é uma tarefa cada vez mais difícil face à extraordinária dilatação que o conceito sofreu nas últimas décadas. Essa abrangência comporta o risco de descaracterização da ideia de museu e da sua diluição em outras estruturas sociais com objectivos similares. Por outro lado, aquela abrangência enriqueceu o conceito de museu, dotando-o de flexibilidade para acolher experiências verdadeiramente inovadoras, que democratizaram o direito às práticas museológicas, ao usufruto do património, tomado aqui na mais ampla acepção do termo, e à socialização de processos culturais periféricos, associados às classes e fracções de classe mais desfavorecidas nos países desenvolvidos, e às populações dos países do chamado Terceiro Mundo.

Fruto das preocupações com a problemática antes enunciada, o ICOM pretende rever a actual definição de museu:

*“O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que faz investigação*

### ABSTRACT

Reflections on the redefinition of the concept of a museum undertaken by ICOM challenge the capacity to integrate distinctive museum-based experiences. Each museum has its own tradition for display, collection, target audience and strategic initiatives for regional development, which necessitates flexibility. MAEDS is referred to as a case where the functions of research and education are highlighted.

*relativa aos testemunhos materiais do Homem e do seu ambiente; adquira-os, conserva-os, divulga-os e expõe-os com fins de estudo, educação e deleite.”*

O último número de *Nouvelles de l'ICOM* (vol. 27, 2004, n°2) reflecte bem as principais questões subjacentes à revisão em curso: *colecção = museu?; o museu, organismo sem fins lucrativos; os museus devem satisfazer certas normas de prática profissional para terem o direito ao título de Museu*. A primeira questão colocada remete-nos para a relação, nem sempre pacífica, entre as funções de conservação e educativas e para o papel hegemónico da colecção no conceito de museu tradicional.

Pela nossa parte, tememos que uma definição de museu mais circunscrita que a actualmente em vigor, mais normalizada e normativista, funcione como instrumento de selecção, de elitização e de fossilização da instituição e das práticas museológicas. Propostas como a de Paul F. Donahue (2004, p. 4) vão no sentido de uma maior abertura e flexibilidade:

*“Quant aux conditions d'éligibilité à remplir par les musées, pratique établie en 1974, l'ICOM devrait se montrer moins rigide et élargir cette définition*

\* Directora do MAEDS, Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal.

1 - International Council of Museums (UNESCO).

*afin d'inclure les institutions ne menant pas de politique de collection. L'objectif principal de notre existence est-il de collectionner ou d'informer? Je penche pour la seconde proposition. Puisqu'une définition trop sectaire risque à terme d'affaiblir l'ICOM, je propose que ses membres s'emploient à forger une vision forte et ouverte d'un musée fondamentalement au service de la société. C'est pourquoi je suggère de reformuler cette définition de sorte que «faire des recherches concernant les témoins matériels de l'homme, les acquérir et les conserver» devienne facultatif, et non plus obligatoire.» (Donahue, 2004, p. 4).*

Existem, porém, outras propostas que pretendem restringir o acesso de museus ao estatuto de museu:

*“Les musées doivent satisfaire à certaines normes de pratique professionnelle pour avoir droit à l'appellation «Musée». Ils ont entre autres l'obligation de s'informer quant à leurs collections, ainsi que de protéger et de présenter les objets de manière appropriée [...] Des activités de recherche, tout ou moins réduites à l'essentiel, sont donc indispensables pour remplir les conditions minimales permettant d'obtenir le statut de musée et d'assurer un service public” (Clercq e Lourenço, 2004, p. 5).*

Entre estes dois posicionamentos, uma grande diversidade de opiniões (apoiadas por outras tantas experiências museológicas) dá-nos conta da vitalidade do museu, agora também apostado em integrar o património imaterial, tema do Dia Internacional dos Museus/2004 e da 20ª Conferência Geral do ICOM, que decorreu em Seul, no passado mês de Outubro. Procura-se, igualmente, criar um regulamento para a salvaguarda do património imaterial, destinado a completar a Convenção do Património Mundial, adoptada pela Conferência Geral da Unesco, em 1972. A ênfase colocada no património cultural imaterial, constituído, nomeadamente, pela língua, pela memória, pela generalidade da cultura oral, sistematicamente localizada no cone de sombra da cultura erudita, ou na face não iluminada da comunicação não escrita, cria uma nesga de esperança a favor da diversidade, num mundo cada vez mais uniforme, homogéneo, global e lamentavelmente desigual.

O debate sobre o conceito de museu, critérios da

sua avaliação, limites de intervenção, deverá ser, obviamente, alargado e tão demorado quanto a “volta ao mundo” o exija, pois essa mudança de definição não é de somenos e muito menos ingénua; ela pode silenciar as vozes já de si pouco audíveis, e emprestar novo fôlego ao discurso dos *deuses*. O quotidiano dos museus concretos será mais ou menos afectado pelo novo figurino que vier a ser traçado; uns verão engordados os seus orçamentos, outros estenderão a mão à caridade e definharão.

Esta procura de um museu teórico exemplar pode comportar também alguma esterilidade, uma vez que são as condições concretas que formatam o tecido museológico de uma dada região, à luz de um tempo histórico, que, como sabemos, não é o mesmo em todos os lugares do nosso pequeno planeta. Na Alexandria helenística houve um museu (arquétipo dos nossos museus modernos?), que tendo embora alguns objectos, não era deles que se nutria: “[...] *but was chiefly a university or philosophical academy a kind of Institute of advanced study with many prominent scholars in residence and supported by the state. When the Greeks used the word “museum” (Greek mouseion), they referred primarily to a centre of learning*” (Goodlad e McIvor, 1998, p. 10). O coleccionismo que marcou as “experiências museográficas” do Renascimento aos alvares do século XX, fortemente impregnado, na centúria de oitocentos, pelo colonialismo europeu e concomitantemente pela ideia de troféu, expressa em objectos raros e exóticos, só muito recentemente, já na década de setenta do século XX, começou a perder terreno, face à crescente importância atribuída à função social do museu. As resoluções da Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972) ou as primeiras intervenções museológicas de bairro, realizadas nos Estados Unidos, direccionadas para a intervenção social (1971) despoletaram um corte radical com a museologia tradicional, abrindo caminho às novas museologias, que repudiam a pompa dos museus tradicionais e democratizam, de facto, o acesso ao museu. Uma nova viragem começou, porém, a desenhar-se, durante a última década: a função educativa do museu é subalternizada pela do entretenimento ou lazer; o turismo e as funções comerciais geradoras de

rendimento adquirem prioridade na aplicação dos meios físicos, técnicos, humanos e financeiros que o museu comporta. Alguns museus transformam-se em “máquinas de fazer dinheiro”, pondo em causa um dos princípios definidores de museu – o seu carácter de instituição sem fins lucrativos.

Embora a mediação social não seja sua missão específica, o museu debate-se hoje, como ontem, com o problema da compatibilização de um importante conjunto de interesses antagónicos, quer institucionais, no plano do poder político, quer internos (derivados do peso atribuído às diferentes funções do museu e à conflitualidade daí decorrente), quer, num plano mais estruturante, resultantes da sua contextualização no sistema socioeconómico local/regional/nacional. A propósito desta problemática, atenda-se ao seguinte texto de Goodlad e McIvor (1998, p. 14):

*“It cannot be overemphasised that a museum’s mission is inevitably a compromise between conflicting interests. By definition, a museum is a place where one may muse; there will always be a debate over a museum’s priorities and the conditions under which ‘material evidence of man and his environment’ are managed ‘to serve society and its development’. Museums need not only to acknowledge that this internal conflict exists, but also to recognise the pressing need for museums to prioritise their many possible functions.”*

Em suma, o que nos parece mais importante no processo de redefinição do conceito de museu é que não sejam esquecidas as ricas e imaginativas experiências produzidas neste domínio, muitas vezes à margem das instituições públicas, e que a nova definição contemple o trabalho realizado pelas numerosas unidades museológicas concretas, validado no terreno pelo interesse e vontade das populações.

## MUSEUS: A ESPECIFICIDADE DO MAEDS

Dar prioridade, de entre as numerosas funções a que o museu pode aspirar, àquelas que melhor se adequam ao seu pessoal, equipamento e orçamento (constrangimentos a cruzar com as necessidades

socioculturais das comunidades que o museu serve e que o suportam), constitui a melhor forma de intervir museologicamente, decorrendo daí a configuração de um determinado perfil museológico.



Fig. 1 - Capa de desdobrável da mais recente reunião científica promovida pelo MAEDS.

Sem receitas, ou normas pré-estabelecidas, o Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) tem desenvolvido dinâmicas museológicas de inovação, provocação, investigação e resistência às forças sociais mais retrógradas, através de aproximação à sociedade civil. Completa em Dezembro de 2004 trinta anos de existência, inscrevendo-se no grupo dos museus criados na sequência da Revolução de 25 de Abril de 1974, por iniciativa do então institucionalizado Poder Local. Os novos museus criados pelo poder autárquico “res-

pondem à necessidade de afirmação de identidades locais e regionais, envolvendo um número considerável de agentes” (Henriques da Silva, *et al.*, 2000, p. 14) e correspondem à consciencialização social do direito à fruição do património local/regional.

Assumido como um espaço de liberdade, onde todos os parceiros sociais, sem excepção, têm “direito de voto” e onde todo o corpo técnico do museu participa no planeamento, na execução e na avaliação dos programas de actividade, o MAEDS fundamenta a sua acção nos seguintes princípios:

- I) Empenho profissional da equipa. Disponibilidade da mesma para realizar formação contínua, para trabalhar colectiva e solidariamente;
- II) Estreita ligação à Comunidade Local/Regional e à Comunidade Científica nacional e internacional, em que se integra;
- III) Observação atenta da realidade sociocultural envolvente, de forma a reflectir as suas necessidades nos programas de divulgação e de formação e na orientação do Serviço Educativo;
- IV) Valorização do património cultural regional, enquanto extensão do próprio museu;
- V) Prioridade para a investigação arqueológica, especificidade que caracteriza o MAEDS, desde a sua fundação, na dupla vertente de Arqueologia de projecto e Arqueologia de salvamento;
- VI) Construção de narrativa histórica regional, em permanente actualização, em resultado de investigação própria e da que decorre do desenvolvimento de projectos em parceria com instituições de vocação similar.

## OPERACIONALIZAR FUNÇÕES

Em 2004, no âmbito das Comemorações do 30º Aniversário do MAEDS, a prioridade da actividade museal foi centrada na **investigação-educação**, ou seja, na organização de acções de formação ancoradas no trabalho de investigação realizado pelo MAEDS, regra geral em parceria com outras institui-

ções de investigação, visando divulgar de forma crítica e participada os principais e mais recentes conhecimentos em domínios da sua especialidade. Assim, no primeiro semestre do corrente ano, foram realizados:

- *Traço a Traço. Curso de Expressão Plástica*, o qual incluiu as áreas de Arte Pré-histórica e Desenho Arqueológico;



Fig. 2 - Capa do programa do curso de iniciação ao desenho e às artes plásticas, organizado pelo MAEDS em 2004.

- *Workshop* dedicado ao *Mosaico Romano*, de colaboração com o Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, na perspectiva da interpretação, do inventário e da conservação desse património;



Fig. 3 - Aspecto do desdobrável de divulgação do *workshop* sobre o Mosaico Romano. MAEDS, 2004.

- *Simpósio Internacional sobre Produção e Comércio de Preparados Piscícolas durante a Proto-história e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica*, em homenagem a Françoise Mayet, de colaboração com a Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra. Neste simpósio participaram 32 conferencistas, portugueses, espanhóis, franceses e alemães, em representação de importantes centros de investigação de Arqueologia Clássica, com projectos no domínio da exploração e transformação de recursos marinhos na fachada atlântica peninsular, nos períodos em análise.

Na mesma reunião, participou um público francamente interessado (152 participantes), constituído maioritariamente por estudantes (47,4%), sobretudo de Arqueologia, e por arqueólogos (41,4%), originários da Área da Grande Lisboa Norte (52%), da Península de Setúbal (23%), do Alentejo, Algarve, Centro e Norte do país e de Cádiz. A apreciação que os participantes, não conferencistas, fizeram do evento foi muito positiva, sublinhando a qualidade das conferências, sua abrangência geográfica, a eficiência organizativa e o cumprimento do programa e dos horários.



Fig. 4 - Mesa da sessão de encerramento do Simpósio. 8 de Maio de 2004. Intervenção de Françoise Mayet.



Fig. 5 - Sessão do Simpósio. 7 de Maio de 2004.

Cada vez mais defendemos que as dinâmicas do trabalho educativo dos museus devem alicerçar-se em investigação própria, e ser orientadas por idéias e problemáticas, tornando-se necessário resistir à “guerra das audiências” e à demagogia de acções genéricas que visam públicos numerosos, abstractos, com pouca capacidade crítica ou sem espaço para a exercerem, em torno de objectos, tornados fétiches. Talvez pelo facto do MAEDS, pela sua dimensão, estrutura organizativa e orçamento, apostar conscientemente na pequena escala, é possível, por um lado, realizar um trabalho mais aprofundado e, por outro, correr riscos, com acções de carácter experimental, sem se deixar seduzir pelo epifenómeno do espectáculo.



Fig. 6 - Simpósio. 8 de Maio de 2004.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOODLAD, S.; McIVOR, S. (1998) - *Museum Volunteers. Good Practice in the Management of Volunteers*. Londres e Nova Iorque: Routledge.

CHADWICK, A. F. (1980) - *The Role of the Museum and Art Gallery in Community Education*. Nottingham: University of Nottingham.

DONAHUE, P. F. (2004) - Collection = Musée? *Nouvelles de l'ICOM*, vol. 57, nº2, p. 4.

CLERCQ, S.; LOURENÇO, M. (2004) - Aperçu de la recherche muséale. *Nouvelles de l'ICOM*, vol. 57, nº2, p. 5, 8.

HENRIQUES DA SILVA, R.; CORDEIRO, I.; PINHO, E. G.; FREITAS, I. C.; CARVALHO, A. (2000) - *Inquérito aos Museus em Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Museus e Observatório das Actividades Culturais.



Fig. 7 - Simpósio. 9 de Maio de 2004. Visita à jazida romana do Creiro (Arrábida). Orientação de Carlos Tavares da Silva.